

Paulo e Virginia

SCENA CONTEMPORANEA

(No vão d'uma jane'la)

— Tu vês, meu anjo, como, cleia, a lua
Por entre véos, a nos mirar sorri?

— *Foi á luz d'ella que jurei ser tua...*
Ai nada tem que me veja aqui...

— Como eu te amo! (N'isto um beijo estala..)

— Como eu te quero! (Eis outro beijo sòa...)

Emtanto a lua, qual immensa bróa,
Manso, de manso pelo cèo resvala...

— Deste-me a vida, meu amor! a vida!

— Acaso a vida não me deste? oh sim!

E a lua espreita, n'amplidão erguida,
E segue... segue em seu gyrar sem fim!

— Se passo um dia sem te ver, meu bem,
Sinto abraçar-me do tormento a chamma!

E ella os olhos requebrando exclama:

— Ai! quanto soffro sem te ver tambem!

.....

— Virginia! — Paulo! — Meu amor! — Meu santo!

— Mais um abraço!.. mais um beijo agora!..

E a lua segue... e já vai longe entanto,
Que o sol não tarda e já desponta a aurora.

No mesmo sitio, que mudança! E' dia;
Vélão cortinas de ramagens toscas;
Chata aranhola vai caçando moscas,
Emquanto um gato tristemente mia...

Maio — 78.

VIRGILIUS.

A semana

A *navalha* é um instrumento cortante...
E na sua qualidade de cortante nada passa
pelo seu fio, que não soffra as consequencias
de sua passagem.

Nada respeita, e a nada cede; tem as suas
funções determinadas, e ha de executal-as
por força, ainda que não seja por vontade.

Deduz-se, por consequencia, destas peque-
nas considerações, tendentes a mostrar para

que presta uma navalha, que as nossas chroni-
cas sendo *an walhadis*, como appellidou-as
um distincto poeta contemporaneo, cortão por
ahi em toda a gente e em tudo com a cegueira
propria de um instrumento de tal ordem, ma-
nejado por mão de alguém.

Mas, o que de certo não pensou o illustre
poeta, é que rapar não é cortar, e que a nava-
lha serve tambem para *lucrar* muito rosto e des-
cobrir muita calva.

Foi engano de apreciação, nada mais.

Leitores. Vejam por ali se nos arranjam al-
guma cousa de substancial e forte, que possa
rejuvenecer um corpo *debil* e *anemico*, imprir-
mir-lhe o vigor que lhe falta, e tirar-lhe a fra-
queza que lhe sobra.

Tragam-nos *oleo de figado, rabo de gallo,*
vinho quinado; mas tudo isto desfeito em uma
boa dôse de assignaturas, que sejam portadoras
do salutar medicamento chamado — *ferro*,
porque é de *ferro* exactamente que nós preci-
samos.

A *debilidade anemica* de nossa natureza
descobriu-a uma distincta autoridade, em que-
stão de letras, a quem pediríamos o concurso
de sua immensa sabedoria e de seu talento pa-
ra nossa salvação, se não preferissemos antes
morrer, que viver por este preço.

E depois, e depois...

Depois... O Lupi foi-se felizmente, na
terça-feira...

Vai para Pelotas, diz elle, onde o aguar-
dão grossos lucros e grande mèsse de louros.

Deus o leve a bom porto e a salvamento, e
que se lembre tanto de nós, como nós nos lem-
braremos d'elle...

Os amaveis leitores praticarão uma grande
injustiça, que não lhes posso perdoar; e é o te-
rem julgado que a nossa ultima *semana*, na
parte em que tratavamos de certa illustração
portugueza, se referia ao nosso amigo Sr. João
Machado Tavares, cavalheiro, a cujo talento e
boas qualidades fazemos a devida justiça.

Obrigarão-nos a recorrer ás columnas do
Journal do Commercio onde, com toda a genti-

Depois O Lupi foi-se felizmente, na
terça-feira . . .

Vai para Pelotas, diz elle, onde o aguar-
dão grossos lucros e grande mèsse de louros.

Deus o leve a bom porto e a salvamento, e
que se lembre tanto de nós, como nós nos lem-
braremos delle . . .